



livro de atas

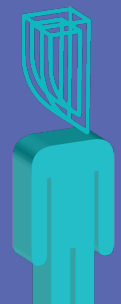
proceedings

V Encontro Internacional  
de **Formação na Docência**

5th International Conference  
on **Teacher Education**

**incte'20**  
international  
conference on  
teacher education

<http://incte.ipb.pt/>





**A INVESTIGAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO NO  
CRUZAMENTO DE  
FRONTEIRAS**

**CROSSROADS IN  
EDUCATIONAL  
RESEARCH**



### **Título | Title**

V Encontro Internacional de Formação na Docência | Livro de Atas

5th International Conference on Teacher Education | Proceedings

### **Editores | Editors**

Rui Pedro Lopes, Cristina Mesquita, Elisabete Mendes Silva, Manuel Vara Pires | Instituto Politécnico de Bragança

### **Edição de Comunicação e Design | Communication and Design Edition**

Jacinta Costa & Carlos Casimiro da Costa | Instituto Politécnico de Bragança

### **Publicação | Publisher**

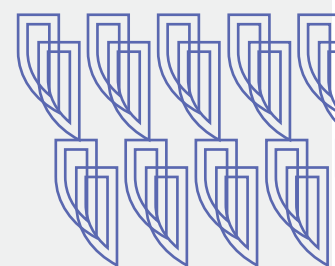
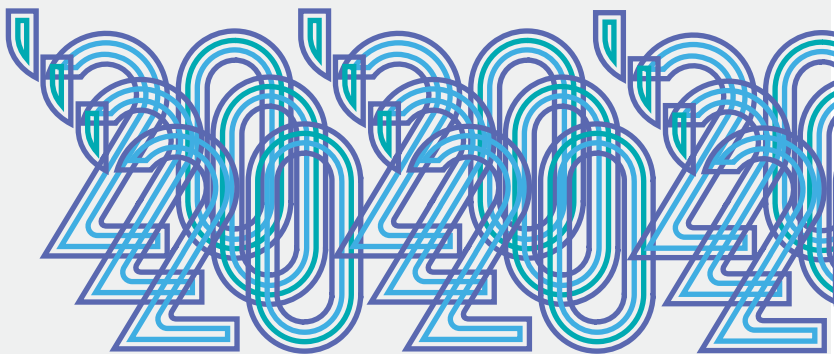
IPB | Instituto Politécnico de Bragança

### **Morada | Address**

Escola Superior de Educação de Bragança  
Campus de Santa Apolónia  
5300-253 Bragança . Portugal  
<http://incte.ipb.pt/>  
[incte@ipb.pt](mailto:incte@ipb.pt)

### **ISBN + Handle**

978-972-745-276-7 | <http://hdl.handle.net/10198/20081>



# Índice

## INCTE 2020 – V Encontro Internacional de Formação na Docência

<b>Nota de abertura</b> .....	1
A investigação em educação no cruzamento de (todas as) fronteiras..... <i>Rui Pedro Lopes, Cristina Mesquita, Elisabete Mendes Silva, Manuel Vara Pires</i>	3
<b>Currículo e Formação de Educadores e Professores</b> .....	7
A algebrização curricular nos anos iniciais do ensino fundamental no Brasil..... <i>Vera Cristina de Quadros, Susana Carreira</i>	9
A emergência de referenciais de competências para a capacitação digital docente .....	20
<i>Ana Cláudia Loureiro, Manuel Meirinhos, António José Osório</i>	
A relação entre globalização, comunicação e perspectiva bilíngue das escolas da atualidade ....	31
<i>Carolina de Freitas, Vitor Gonçalves</i>	
Acceso a la formación inicial docente en España y Portugal: estudio comparado .....	42
<i>David Revesado Carballares, Eva García Redondo, Víctor González López</i>	
Comunidade educadora: a proposta de educação integral de uma escola pública .....	51
<i>Ilda Renata da Silva Agliardi, Elisete Enir Bernardi Garcia</i>	
De-constructing dominant narratives in inclusive education: new perspectives on teacher education .....	60
<i>Gabriella D'Aprile, Giambattista Bufalino</i>	
Discapacidad intelectual en educación superior: necesidades formativas de los profesores universitarios .....	72
<i>Miguel Corbí, Lidia Bueno-Sánchez, María Teresa Ortega</i>	
Evasão no curso de pedagogia a distância UAB/UFAL: fatores evidenciados .....	82
<i>Maria da Conceição Valença da Silva, Débora Cristina Massetto, Maria Aparecida Pereira Viana</i>	
Flexibilidade na comparação multiplicativa: desafio para a formação de professores de matemática .....	91
<i>Graça Cebola, Joana Brocardo</i>	
Formação continuada de professores: uma revisão sistemática das publicações brasileiras .....	102
<i>Cristiane de Fatima Budek Dias, Caroline Subirá Pereira, Guataçara dos Santos Junior, Cristina Mesquita, Rui Pedro Lopes</i>	
Global English awareness: experiencia de comunicación intercultural en el aula de inglés .....	115
<i>Lucía Muñoz</i>	
Habitus e formação docente .....	125
<i>Mara Lúcia Rodrigues Costa, Tatiane de Paula Paulino, Ana Paula Martins Corrêa Bovo, Carla Maria Nogueira de Carvalho</i>	

## **A investigação em educação no cruzamento de (todas as) fronteiras**

Rui Pedro Lopes<sup>1</sup>, Cristina Mesquita<sup>2</sup>, Elisabete Mendes Silva<sup>3,4</sup>, Manuel Vara Pires<sup>2</sup>  
rlopes@ipb.pt, cmmgp@ipb.pt, esilva@ipb.pt,.mvp@ipb.pt

<sup>1</sup> *Centro de Investigação em Digitalização e Robótica Inteligente, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal*

<sup>2</sup> *Centro de Investigação em Educação Básica, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal*

<sup>3</sup> *Instituto Politécnico de Bragança, Portugal*

<sup>4</sup> *Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa, Portugal*

“Tempos estranhos, estes, que vivemos!”... uma frase que vimos repetindo nos últimos meses e que reacendeu as preocupações em torno das vulnerabilidades do ser humano e das sociedades.

Perante esta estranha realidade, provocada pela COVID-19, as sociedades como um todo e as pessoas individualmente têm sido levadas a enfrentar situações inesperadas e a tomar decisões. Todos somos convocados a decidir se assumimos as vulnerabilidades a que estamos expostos e a agir sobre elas ou se nos tornamos reféns da inevitabilidade, deixando a vulnerabilidade agir sobre nós.

Percebemos que a vida é um bem fundamental e que, como foi acontecendo ao longo da história, as epidemias são fenómenos que expõem as vulnerabilidades de que falávamos, mas, ao mesmo tempo, que desafiam o homem a criar meios, processos e produtos para as ultrapassar. Cientistas, médicos, farmacêuticos e outros profissionais uniram-se para desenvolver, na urgência, um *elixir* que permita conviver com o vírus e, ao mesmo tempo, repensar mecanismos que possibilitem vencê-lo quando ele nos encontra desprevenidos. Esta é uma parte meritória, difícil, mas desafiadora, e que se traduz naquilo que tem apoiado o desenvolvimento das sociedades, a capacidade inventiva e criadora do homem.

Mas a pandemia expôs outras vulnerabilidades que não se resolvem com solutos ou elixires, e que se referem às fraquezas dos sistemas sociais. A pandemia apanhou as áreas sociais, onde se integra a educação, completamente desacompanhadas. Nessa urgência, ministros, secretários de estado, diretores gerais, diretores de agrupamentos, educadores e professores e, ainda, investigadores, procuram soluções que permitam remediar a situação provocada pelo confinamento, pelas restrições das interações, pela falta de equipamentos tecnológicos de suporte ao ensino remoto, que respondam aos alunos que necessitam de apoio social ou educativo.

Reconhece-se o esforço, mas torna-se evidente que a escola não desenvolveu meios de resposta, ao longo destes anos, a possíveis situações de crise. Não transformou ou alargou os modelos de ensino e de formação, valorizando mais as pedagogias ativas, e não integrou as diversas tecnologias na sua ação quotidiana. Em demasiados casos, as salas de atividades ou de aula continuam a não estar devidamente apetrechadas com recursos

que apoiem, de forma necessária e significativa, o trabalho dos alunos e dos professores. Ainda há muitos contextos em que não há ou apenas existe um computador e, em muitos casos, servindo exclusivamente de veículo de transmissão do professor para os alunos.

Na realidade, conforme a comunicação social foi relatando, continua a haver crianças que nunca interagiram com um computador ou outro suporte informático, o que as coloca numa situação desigual face a muitas outras crianças. Além disso, apesar de terem existido diferentes programas de integrar os meios informáticos e digitais na ação dos alunos e dos professores (falamos de programas como os projetos Minerva, Magalhães, E-escolas, entre outros) muitos professores não usam habitualmente no seu dia a dia os meios informáticos e as plataformas digitais como suporte à aprendizagem. Não queremos discutir aqui as razões que fazem persistir esta realidade, mas consideramos que ela é um bom ponto de discussão, mas sobretudo de ação, para o futuro!

Na verdade, o conceito de igualdade de oportunidades, face à crise atual, parece ter levado um forte abalo. Garantir igualdade de oportunidades no acesso e no sucesso, nas condições que a escola oferece atualmente, reabre a discussão em torno da *escola para todos*, mas também de *escola por todos*. Reabre a discussão em torno das múltiplas dimensões do conceito, fazendo emergir as diferenças, por exemplo, (i) no investimento dos poderes central e local e das comunidades na escola, com a despesa por aluno, com os recursos que lhe são facultados e que lhe permitam tornar-se autónomo e competente — conforme se enuncia no *Perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória* (Martins, Gomes, Brocardo, Pedroso, Acosta Carrillo, Ucha, ... Rodrigues, 2017) —, com as bibliotecas; (ii) nas competências profissionais dos educadores e professores, entre outras; (iii) na composição social da escola, tendo em conta a proveniência das suas crianças, os grupos sociais que a compõem e as suas expectativas face à escola; (iv) na dimensão social e ética dos docentes, naquilo que poderemos definir como características intangíveis da escola e que se expressam nas crenças dos professores sobre o seu papel, nas suas expectativas face aos alunos, na forma como o seu contentamento ou descontentamento se repercute na sua ação, nos estereótipos e preconceitos e nas conceções sobre o ensinar e o aprender; e (v) uma última dimensão relacionada com os saberes, as metodologias e os resultados em face de investimentos individuais diferentes, dos que têm as mesmas origens e aparentam as mesmas condições sociais, mas também daqueles que têm origens distintas e condições sociais frágeis, como é o caso das crianças imigrantes, que não falam a língua da escola, crianças de famílias de baixa formação, crianças com fracos resultados e dificuldades de aprendizagem.

A pandemia tornou mais evidente tudo aquilo de que há muito se fala, mas que, pela necessidade de cumprir metas estatísticas, não temos sabido ultrapassar com o devido sucesso.

Contudo, entre outras, as questões que urge colocar neste fórum de discussão de investigadores, educadores e professores, que procura refletir a *investigação educacional no cruzamento de fronteiras*, será a de saber (i) que prioridades investigacionais deverão ser estabelecidas, no sentido de garantir a igualdade de oportunidades, o esbatimento das assimetrias sociais, a construção de competências profissionais que permitam a todos estarmos preparados para novas crises?; e (ii) que diálogos deveremos encetar para que a investigação em educação continue a apoiar a construção de comunidades de aprendizagem, propulsoras da transformação das escolas e, conseqüentemente, das sociedades?

Sabemos que a investigação em educação é uma área de pensamento e ação multidimensional, que integra várias abordagens epistemológicas, ontológicas e metodológicas, das quais emergem algumas contraturas e contrições (Amado, 2014; Bolívar, Domingo, & Fernández, 2001; Denzin & Lincoln, 1994; Elliott, 2010; McNiff & Whitehead, 2010; Noffke & Someck, 2010; Rodriguez Gómez, Gil Flores, & García Jiménez, 1999). Na situação particular que experimentamos hoje em dia, pelo que expusemos anteriormente, transparece a diversidade de contextos profissionais, de realidades educativas, de formas de interpretar o ensinar e o aprender, de focos e linhas de investigação, bem como a pluridentidade e plurivocalidade de investigadores. Esta evidência não deve tornar a investigação educacional distónica ou antagónica, mas, antes, permitir estabelecer diálogos, cruzar fronteiras, no sentido de construir uma visão holística dos fenómenos educativos e, ao mesmo tempo, desenvolver e aprofundar fundamentos epistemológicos e metodológicos para aceder com rigor à especificidade de cada área, de cada contexto e de cada ator.

Importa, todavia, referir que não devemos querer que as nossas investigações se traduzam em resultados de momento, no imediato. Agir na circunstância pode levar-nos a remediar as situações e a esquecer o mais importante, a educação enquanto fator emancipador das sociedades. Ao não significar, estamos a perder o valor da educação. Entre o emocional, que o momento faz emergir, e o racional, que a investigação exige, devem cruzar-se fronteiras que nos alertem para a necessidade de reafirmar a transformação da educação, da escola, das políticas educativas e sociais, da formação de educadores e professores, mas sempre com o rigor e o distanciamento que a investigação reclama.

Como referido, neste ano, o Encontro Internacional de Formação na Docência (INCTE) aconteceu num contexto completamente diferente daquilo a que estávamos habituados, não tendo permitido o nosso encontro ou reencontro presencial em Bragança. Mas, apesar da situação pandémica, não quisemos deixar de responder ao desafio, continuando a ser um espaço de encontro, discussão de ideias, processos e práticas, e dar a merecida expressão às duzentas e trinta e três propostas de comunicação oral entretanto recebidas. Este número tão alargado de contribuições é revelador da enorme pertinência do tema central desta edição do INCTE, tão bem destacada na mensagem da coordenadora do Centro de Investigação em Educação Básica (CIEB), Cristina Mesquita:

A investigação sobre a ação, promovida através da recolha e análise sistemática de dados que emergem no quotidiano, poderá ter reflexos nas conceções e práticas dos docentes, quando acompanhada da reflexão intencionalizada. Este pode ser o elo agregador, um cruzar de fronteiras entre os professores/educadores e os investigadores e, conseqüentemente, um traço da sua identidade profissional. Importa, por isso, que a investigação em educação seja uma prática partilhada, promotora de uma maior abertura, que favoreça a indagação e as experiências de pensamento, convidando à mudança e à inovação educativa.

Este Livro de Atas, mantendo a interação entre os participantes e a organização do encontro, dá “voz” a muitos desses trabalhos e concretiza o contributo do INCTE 2020 para a promoção da qualidade da investigação em educação a desenvolver na comunidade científica. Queremos realçar o impacto e a abrangência internacional que o INCTE tem conseguido manter e promover durante todo o seu percurso, tendo, além de Portugal, contribuições vindas do Brasil, Cabo Verde, Espanha, Finlândia, Itália, Moçambique, Polónia e São Tomé e Príncipe. O livro apresenta cento e treze artigos, integrados e distribuídos pelos cinco eixos temáticos que enquadram o Encontro: (i) Currículo e

formação de educadores e professores (vinte textos); (ii) Didática e formação de educadores e professores (dezanove textos); (iii) Práticas educativas e supervisão pedagógica (vinte e nove textos); (iv) Formação docente e educação para o desenvolvimento (vinte e cinco textos); e (v) Práticas pedagógicas no ensino superior (vinte textos).

Congratulamos os autores dos artigos aqui apresentados pela sua colaboração, resiliência e perseverança durante todo o processo. Esperamos que estas múltiplas abordagens e perspectivas de compreensão e análise dos fenómenos educativos possam ser uma ajuda segura e efetiva para a evolução ou o aprofundamento de trabalhos em desenvolvimento ou de estudos futuros.

Nesta perspetiva, o INCTE continua a assumir-se como um espaço de encontro que trabalha no sentido de produzir uma cultura de investigação e de inovação, capaz de olhar os problemas da educação com sentido crítico. Reconhecemos que os caminhos que delinearíamos hoje como investigadores, educadores ou professores, irão constituir-se como uma escolha entre muitas outras possíveis, pelo que importa escolher bem!

## Referências

- Amado, J. (Ed.) (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Bolívar, A., Domingo, J., & Fernández, M. (2001). *La investigación biográfico-narrativa em educación*. Madrid: La Muralla.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (Eds.) (2005). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: SAGE.
- Elliott, J. (2010). Building educational theory through action research. In S. Noffke & B. Somekh (Eds.), *Handbook of educational action research* (pp. 28-38). London: SAGE.
- McNiff, J., & Whitehead, J. (2010). Demonstrating quality in educational research for social accountability. In S. Noffke & B. Somekh (Eds.), *Handbook of educational action research* (pp. 313-323). London: SAGE.
- Martins, G. O., Gomes, C. S., Brocardo, J. L., Pedroso, J. V., Acosta Carrillo, J. L., Ucha, L. ... Rodrigues, S. V. (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Noffke, S., & Somekh, B. (2010). Introdução. In S. Noffke & B. Somekh (Eds.), *Handbook of educational action research* (pp. 1-5). London: SAGE.
- Rodriguez Gómez, G., Gil Flores, J., & Garcia Jiménez, E. (1999). *Metodología de la investigación cualitativa* (2.ª Ed.). Málaga: Aljibe.